

**(RE) PENSANDO A "OVELHA NEGRA":
HISTÓRIA, MÚSICA E GÊNERO NA OBRA DE RITA LEE DE 1972 A 1990**

**(RE) THINKING THE "BLACK EWE":
HISTORY, MUSIC AND GENDER IN RITA LEE'S WORK FROM 1972 TO 1990**

**(RE) PENSANDO LA "OVEJA NEGRA":
HISTORIA, MÚSICA Y GÉNERO EN LA OBRA DE RITA LEE DE 1972 A 1990**

Sabrina Thays Bezerra Santos (UESPI)¹⁷³

Pedro Pio Fontineles Filho (UFPI)¹⁷⁴

Resumo: Rita Lee enfrentou as limitações no mundo musical relacionadas à questão do gênero e assumiu o papel de mulher forte no seio de uma sociedade machista, tornando-se ícone do rock brasileiro em 1970. Assim, o presente artigo teve como objetivo principal compreender as representações sociais e relações de gênero na trajetória musical de Rita Lee. Além disso, buscou analisar as configurações históricas, sociais, políticas e culturais que engendram as fases da carreira da cantora; discutir as dimensões dos discursos sobre gênero, corpo e sexualidade nas letras de suas músicas; refletir sobre os traços biográficos e autobiográficos da cantora, na constituição de sua obra musical; pensar acerca das representações e alcances da música produzida pela cantora no cenário musical e cultural do país. Para compreender as relações de gênero, foram utilizados autores como Rachel Sohiet e Joan Scott. No tocante às discussões sobre História e Música foram utilizados os autores, Marcos Napolitano e Paulo Chacon. Além da revisão bibliográfica citada, foram levantadas análises de sua autobiografia. Assim, foi possível chegar à conclusão que as músicas de Rita Lee apresentam uma grande relevância na compreensão dos fenômenos relacionados à representação social de corpo, gênero e sexualidade. **Palavras-chave:** História. Rock feminino. Gênero.

Abstract: Rita Lee faced the limitations in the musical world related to the gender issue and assumed the role of strong woman in a macho society, becoming the icon of Brazilian rock in 1970. Thus, the main objective of this article was to understand the social representations and gender relations in the musical trajectory of Rita Lee. In addition, she sought to analyze the historical, social, political and cultural configurations that engender the phases of the singer's career; discuss the dimensions of discourses on gender, body and sexuality in the lyrics of their songs; reflect on the biographical and autobiographical features of the singer, in the constitution of her musical work; to think about the representations and reaches of the music produced by the singer in the musical and cultural scene of the country. To understand the gender relations, authors such as Rachel Sohiet and Joan Scott were used. Regarding the discussions on History and Music, the authors, Marcos Napolitano and Paulo Chacon were used. In addition to the bibliographic review cited, analyzes of his autobiography were collected. Thus, it was possible to reach the conclusion that the songs of Rita Lee present a great relevance in the understanding of the phenomena related to the social representation of body, gender and sexuality.

Keywords: History. Female rock. Genre.

Resumen: Rita Lee enfrentó las limitaciones en el mundo musical relacionadas con la cuestión del género y asumió el papel de mujer fuerte en el seno de una sociedad machista, convirtiéndose en el icono del rock brasileño en 1970. Así, el presente artículo tuvo como objetivo principal comprender las " que se ha convertido en una de las más importantes de la historia de la música. discutir las dimensiones de los discursos sobre género, cuerpo y sexualidad en las letras de sus canciones; reflexionar sobre los rasgos biográficos y autobiográficos de la cantante, en la constitución de su obra musical; pensar sobre las representaciones y alcances de la música producida por la cantante en el escenario musical y cultural del país. Para comprender las relaciones de género, se utilizaron autores como Rachel Sohiet y Joan Scott. En cuanto a las discusiones sobre Historia y Música se utilizaron los autores, Marcos Napolitano y Paulo Chacon. Además de la revisión bibliográfica citada, se levantaron análisis de su autobiografía. Así, fue posible llegar a la conclusión que las canciones de Rita Lee

¹⁷³ Graduada em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. E-mail: sabrinathays@hotmail.com.

¹⁷⁴ Doutor em História Social (UFC). Mestre e Especialista em História do Brasil (UFPI). Professor do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI (PPGHB/UFPI). Professor do Mestrado Profissional em História da UESPI (PROF/HISTORIA).

presentan una gran relevancia en la comprensión de los fenómenos relacionados a la representación social de cuerpo, género y sexualidad.

Palabras claves: Historia. Rock femenino. Género.

INTRODUÇÃO

A partir do século XX, a figura feminina fará parte do cenário da música popular, sendo o número de mulheres inferior ao número de homens. Nos últimos anos discussões a cerca da mulher ganharam maior visibilidade com o uso das redes sociais, mas juntamente a isso observa-se também um revigoramento conservador resultado da falta de informação sobre gênero. Assim, a discussão desse tema se destaca devido à necessidade de discutir questões relacionadas ao gênero desmistificando a presença de diferenças nos espaços femininos masculinos, fortalecendo também a lutas das causas da minorias.

Desta forma, é como “ovelha negra”, em seu estilo musical e visual, bem como em seus posicionamentos sociais e culturais, que Rita Lee se constituiu como figura emblemática e conflitante no cenário musical brasileiro, sobretudo no rock, com alargamentos do que se compreende como música popular.

Neste cenário, a cantora e compositora, Rita Lee enfrentou as limitações no mundo musical, relacionadas à questão do gênero e assume o papel de mulher forte e destacada no seio de uma sociedade essencialmente machista, tornando-se um grande ícone do rock brasileiro nos anos de 1970, imagem esta que se perpetua até os dias atuais, como foi relatado em sua autobiografia lançada no ano de 2016.

Neste sentido, objetiva-se compreender as representações sociais e relações de gênero na trajetória musical de Rita Lee, além de analisar as configurações históricas, sociais e culturais que engendram as fases da carreira da cantora, discutir as dimensões dos discursos sobre gênero e sexualidade nas letras de suas músicas, refletir sobre os seus traços biográficos e autobiográficos e pensar acerca das representações e alcances da música produzida por Rita Lee no cenário musical e cultural do país.

Neste sentido, o presente artigo analisará os acontecimentos que esclarecem os motivos que levaram a cantora Rita Lee a sair da banda *Os mutantes* e ter dado início, posteriormente, à carreira solo. Constata-se, desta forma, com as fontes levantadas, que um dos motivos que ocasionaram sua saída do grupo musical estava relacionado com o machismo dos integrantes da banda em relação à cantora.

Diante disso, tal sistema das relações de gênero está ligado às atribuições sociais de papéis, poder e prestígio, sendo sustentado por ampla rede de metáforas e práticas culturais associadas ao masculino ou ao feminino, sendo necessário discutir e estudar essas questões

Humana Res, v. 1, n. 1, 2019, p. 120 - 131. ISSN:

a partir de diversas perspectivas, visando um melhor entendimento do assunto e sua aplicação em um meio social suscetível a transformações.

Com base nisso, espera-se aprofundar e relacionar as temáticas tratadas nas canções da compositora e cantora carioca Rita Lee destacando a importância das discussões acerca da participação e atuação feminina no meio musical, além das relações com o corpo e a sexualidade, através da análise do discurso das letras de músicas compostas e cantadas por Rita Lee, que enfrentou preconceitos por ser uma mulher em um ambiente essencialmente machista, mostrando assim a importância do levantamento da discussão de gênero na sociedade.

1. QUANDO A OVELHA VIROU NEGRA: as múltiplas faces de Rita Lee

Dentre a crescente do movimento tropicalista, Rita Lee se destacou com suas músicas que variavam entre o rock, bossa nova e balada romântica. Juntamente à banda Os Mutantes, Rita Lee ocupou dentro da música brasileira um espaço na qual o público masculino era predominante. Porém, neste cenário, Rita Lee assumiu um papel de mulher forte que fez sucesso com suas letras impactantes e provocadoras dentre vários aspectos, discutindo sobre o papel dos indivíduos na sociedade e sobre suas diferentes formas de se relacionar entre si.

Desde cedo, Rita Lee mostrou sua afinidade com a música e na sua adolescência, Rita montou uma banda só de meninas, as Teenage Singers, grupo vocal formado por ela, Suely Chagas, e as colegas de colégio, Jean e Beatrice. Em 1964, participou do Tulio Trio onde tocava banjo, Túlio teclado e Suely Chagas violão. Logo em seguida, participou do grupo Six Sided Rockers, formado por Rita e os irmãos Dias Baptista: Cláudio na bateria, Arnaldo no baixo e Serginho na guitarra, além de Raphael e Tobé nas outras duas guitarras, que no ano seguinte mudou o nome para O'Seis e lançaram um compacto com as músicas "Suicida" e "Apocalipse". Logo depois, devido à briga entre os membros só sobraram Rita Lee, Arnaldo e Sérgio, formando então o grupo Os Mutantes, grupo do qual Rita Lee fez parte de 1966 a 1972.

Os Mutantes já conquistavam os palcos e fizeram sua primeira apresentação no III Festival de Música Popular Brasileira da TV Record, em 1967, acompanhando Gilberto Gil na música Domingo no Parque. Junto com os Mutantes, Rita marcou presença nos famosos festivais de música da época, como o Festival da Record em 1967 e o Festival Internacional da Canção em 1968 onde seu talento, sua ousadia com os figurinos, sua beleza e carisma sempre foram centro das atenções.

Os Mutantes gravaram juntos 6 discos e a última apresentação de Rita com Os Mutantes aconteceu no FIC (Festival Internacional da Canção), em 1972, no Rio de Janeiro. Em sua autobiografia, Rita Lee revela que a decisão da sua saída da banda Os Mutantes foi tomada sem a sua presença, sendo justificada por Arnaldo: “A gente resolveu que a partir de agora você está fora dos Mutantes, porque nós resolvemos seguir a linha progressiva-virtuose e você não tem calibre como instrumentista” (LEE, 2016, p. 113).

Dessa forma, Rita Lee estava então oficialmente fora da banda e declara “Uma escarrada na cara seria menos humilhante. Em vez de me atirar de joelhos e pedindo perdão por ter nascido mulher, fiz a silenciosa elegante” (LEE, 2016, pág. 113). Dessa forma, entende-se que a sua retirada da banda Os Mutantes ocorreu principalmente por ser mulher dentro de um meio masculinizado – o rock, e por ter ganhado destaque dentre os demais membros da banda Os Mutantes.

Após a saída da banda, Rita Lee seguiu então com sua carreira passando por alguns grupos musicais. Rita Lee decidiu então montar um grupo para que participasse de um festival, dando início então as Cilibrinhas do Éden. Em sua autobiografia, ela descreve:

Me veio a cabeça a única groupie talentosa dos tempos mutantescos, uma guitarrista com “munheca de macho”, simpática e engraçada, perfeita para dividir o palco comigo, Lúcia Turnbull. Antes mesmo do primeiro ensaio batíamos a dupla de Cilibrinhas do Éden, na eterna mania de dar nome à criança antes de nascer. (LEE, 2016, p. 123)

A carreira das *Cilibrinhas do Éden* teve seu início e fim no ano de 1973, porém ainda no mesmo ano, juntando-se a Lee Marcucci no baixo, Emilson na bateria, Luís Sérgio na guitarra e Ruffino (todos membros da banda Lisergia conhecida por Lúcia), as *Cilibrinhas do Éden* deram início a uma nova fase, montando a banda *Tutti Frutti* que destacou a personalidade forte feminina de Rita Lee, gravando discos como *Fruto Proibido* (1975), que foi considerado pelo grande público um de seus melhores discos como cantora do rock nacional.

De 1974 a 1978, junto com o *Tutti Frutti*, Rita gravou 4 discos¹⁷⁵, sendo pelo menos três (*Fruto Proibido*, *Entradas e Bandeiras*, *Babilônia*) um grande marco para o rock brasileiro, discos esses que marcaram sua carreira, percorrendo todo o Brasil com enorme aparato de produção, som, luz e cenografia. Assim, a imagem da Rita Lee como uma cantora de grande força e representatividade do público feminino vem à tona, tornando-se uma Superstar que fazia sucesso entre os adolescentes, principalmente com seu grande sucesso

¹⁷⁵ Atrás do porto de uma cidade (1974), Fruto Proibido (1975), Rita Lee & Tutti Frutti (compacto, 1976), Entradas e Bandeiras (1976).

Humana Res, v. 1, n. 1, 2019, p. 120 - 131. ISSN:

Ovelha Negra. Dentre outras músicas, *Esse tal Roquenrou*, *Fruto proibido*, *Coisas da vida*, *Agora só falta você*, *Com a boca no mundo* também se destacaram e conquistaram o público.

No ano de 1978, Rita Lee resolveu sair da banda Tutti Frutti e decidiu seguir com sua carreira solo. Neste meio musical, no final do mesmo ano, acabou conhecendo Roberto de Carvalho, guitarrista talentoso de Ney Matogrosso que influenciaria bastante os novos rumos da carreira de Rita Lee, envolvendo-se com ela romanticamente e profissionalmente.

Juntamente a Roberto de Carvalho, Rita Lee “virou rockarnaval, virou tango, virou bossa, virou pop, virou bolero, virou metal, virou tudo ao mesmo tempo” chegando inclusive a lembrar “Nada mais “mutante” do que desfilas por quaisquer avenidas musicais” (LEE, 2016, pág.177). As letras de suas músicas traziam uma mensagem, discutiu assuntos importantes que antes eram falados somente por homens. Rita Lee falou de corpo, de romance, de sexo e de prazer e nos seus mais variados estilos abriu caminhos para uma nova visão do ser mulher.

Dando continuidade a seus shows e a sua fama de rebelde, mãe de três filhos e casada com Roberto Carvalho, em 1991 Rita Lee separa-se musicalmente do marido e segue em carreira solo, isso devido o envolvimento do seu marido com a Banda Tutti Frutti e com a mudança de estilo musical.

Nesse mesmo ano, Rita Lee lançou um disco acústico Bossa'n'roll, na qual ela fazia releitura de vários sucessos de sua carreira e de outros cantores. Rita, apenas na voz e violão, lançou este álbum que inicialmente não agradou tanto o público, mas que logo depois alcançaria o sucesso. Dando continuidade a sua carreira solo, Rita lança em 1993 o álbum *Todas as mulheres do mundo*, que trazia músicas que discutiam várias questões femininas como a menopausa (*Menopower*), masturbação (*Deprê*), maternidade (*Filho meu*) e a força feminina (*Benzadeusa*).

Assim, Rita Lee, desde o começo de sua carreira se destacou por ser um grande ícone feminino. Ousada, forte e rebelde, enfrentou muitas críticas ao longo de sua carreira principalmente por ser uma mulher que quebrou muitas regras. Nesse contexto, Rita revolucionou a música brasileira sendo uma das primeiras mulheres a encarar o palco sozinha, tomando para si o papel principal. Com suas músicas cheias de ritmo e figurinos atrevidos, conquistou todos os tipos de público (jovem, adulto e até idoso), conquistando também um público internacional, apresentando-se por vezes em Nova York e Portugal.

Rita Lee Jones, a eterna ovelha negra é considerada um ícone do rock brasileiro, com sua personalidade singular e transgressora bateu recordes de vendas de discos. Rita, foi uma das únicas cantoras que apesar de seus altos e baixos, nunca saiu das paradas musicais desde

Humana Res, v. 1, n. 1, 2019, p. 120 - 131. ISSN:

os anos de 1960. Como uma mulher empoderada, debochada, irônica e autêntica fez o seu nome pela história da música e afirma ter vivido os seus anos com excelência.

Aposentou-se dos palcos, mas nunca da música, com isso, muito mais do que cantora e compositora Rita Lee tornou-se um símbolo feminino e ao deixar os palcos se descobriu escritora lançando sua Autobiografia no ano de 2016 e seu livro de contos Dropz lançado em 2017. Deixando a vida agitada de lado, hoje, aos 70 anos de idade, Rita Lee leva uma vida sossegada, dedicando grande parte do seu tempo ao cuidado de animais e a horta que cultivava em sua casa.

2. Nas trilhas do Rock: história, sociedade e cultura no Brasil, nas décadas de 1950 a 1970.

A partir dos anos 1950, a música passou a ser uma forma de identidade, sendo dividida em seus grupos de acordo com as aproximações estéticas musicais. Dessa forma, era possível diferenciar uns dos outros através do som, do ritmo e das letras. Sendo o samba uns dos destaques nacionais, cada um possuía o seu estilo próprio e fazia toda a diferença saber se o samba era de morro, de carnaval, de breque ou samba-canção, pois dependendo do samba era possível identificar também o seus representantes.

Já no ano de 1958, quem ganhou destaque e conquistou o público foi a Bossa Nova sendo um estilo musical que não se limitava apenas aos seus discos como também viraram referência no corte de cabelo e nas gírias que utilizavam. Dessa forma, essa característica também se estendeu aos demais movimentos que se seguiram, com a Jovem Guarda inspirada no rock estrangeiro, o MPB com suas canções de protesto e o Tropicalismo com as mistura dos dois movimentos.

Nesse sentido, sendo a década de 1960 um período de turbulências e revoluções no Brasil e no mundo, ocorreram grandes mudanças tanto no campo político como no campo cultural e social. Um desses marcos foi no ano de 1964, quando foi instaurado um golpe militar no país, marcado pela violência e repressão popular.

Nesse contexto, no final dos anos 60 surgiram nos Estados Unidos diversos movimentos contrários aos governos autoritários, resultando no crescimento de movimentos a favor da causa das minorias como movimentos pelos negros (black power), o movimento pelos gays (gay power) e pela igualdade de gênero (women's lib). Dessa forma, a revolução social dos anos 60 teve seu ápice em 1968 com os movimentos estudantis que ocupavam as ruas lutando por seus direitos e contestando a sociedade vigente.

Nesse sentido, no campo artístico, tínhamos de um lado o surgimento da Música Popular Brasileira (MPB) inaugurada por Elis Regina que interpretou *Arrastão* de Vinícius de Moraes e Edu Lobo, sendo consolidada pelo Festival de Música Popular Brasileira da TV

Humana Res, v. 1, n. 1, 2019, p. 120 - 131. ISSN:

Record e do rock que ganhou destaque no Brasil nos anos 60 com a Jovem Guarda de Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa.

O movimento MPB composto por artistas como Elis Regina, Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Raul Seixas e Geraldo Vandré tinha como principal característica suas músicas de protesto que tinham o objetivo de chamar a atenção das pessoas para os problemas sociais, políticos e econômicos provocados pela ditadura militar.

Enquanto a MPB se destaca com suas músicas de protesto, por outro lado surgia o movimento da Jovem Guarda que foi influenciado pelo rock britânico e americano. Diferente das músicas de MPB, suas composições se distanciavam das causas políticas e abordavam temas como a juventude, o amor e suas decepções. Esse movimento também conhecido como Iê, iê, iê, influenciou a maneira de vestir e de se comportar daquela geração.

Mesmo com todo o sucesso da Jovem Guarda entre os jovens, logo depois, um espaço se abriu para o surgimento de um movimento baseado tanto nos protestos políticos como no experimentalismo e na poesia – o tropicalismo. Artistas como Torquato Neto, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Tom Zé e Os Mutantes fizeram parte desse movimento que fugia da crítica direta a política (característica marcante da MPB) e apostava em um som mais elétrico sendo influenciado pelo rock psicodélico, que dominava a década de 1970. Dessa forma, é possível destacar que,

O rock em particular, tem como característica suas letras de protesto, e é vivido como uma filosofia de vida pelos seus adeptos, não tem compromisso com as verdades moralizantes e os comportamentos conformadores sociais. No caso brasileiro, o movimento musical como protesto traz letras que reverberam as condições sociais, os sentimentos subjetivos humanos frente aos comportamentos sociais tidos como aceitos, entre outras temáticas. Dentre estas, encontramos as indagações sobre os efeitos televisivos e das ideologias, das quais a mídia está impregnada, nos sujeitos e nas suas maneiras de ser e pensar (GONÇALVES, 2013, p. 1).

Nesse sentido, o movimento tropicalista revolucionou a música nacional, sendo composto tanto pelas tradições da Bossa Nova como pela inovação de suas letras carregadas da força do movimento do rock no Brasil e no mundo. Assim, as canções tropicalistas, enfrentavam o governo militar autoritário atuante no momento de seu surgimento usando de suas influências no comportamento transgressor, na maneira de pensar e se vestir, também inovou com suas composições cheias de poesia, destacando-se dessa forma, grandes poetas como Torquato Neto e Oswald de Andrade.

O Tropicalismo, além de seus arranjos estéticos, renovou também a letra de suas músicas aumentando sua complexidade e qualidade ao longo dos anos. As canções retratavam de maneira crítica a situação do país, sem perder a desenvoltura e o ritmo

Humana Res, v. 1, n. 1, 2019, p. 120 - 131. ISSN:

eletrizante do rock. Uma das músicas que marcaram a carreira dos Mutantes foi a “*Panis et Circenses*” que em seus versos “Eu quis cantar/ Minha canção iluminada de sol/ Soltei os panos sobre os mastros no ar/ Soltei os tigres e os leões nos quintais/ Mas as pessoas na sala de jantar/ São ocupadas em nascer e morrer” traz à tona provocações sobre o comportamento da sociedade (proposta do movimento).

Nesse contexto, a ironia e sarcasmo faziam parte das letras dos Mutantes e de suas apresentações, assim ao contrário do movimento MPB, os tropicalistas não apenas criticavam o governo autoritário no período de ditadura militar através de suas letras, como representavam a resistência à censura com suas vestimentas ousadas e seus comportamentos no palco que iam contra a manutenção da moral imposta pelos militares.

Nesse sentido, os primeiros anos de ditadura militar foram marcados também pelo surgimento de festivais de música, sendo considerada a “Era dos Festivais” pelos pesquisadores das linhas de pesquisa de História e Música, sendo um período que vai de 1965 a 1972 estreados pela TV Record e pela TV Globo e que tinham como objetivo divulgar a música brasileira.

Esses festivais marcaram a história da música brasileira devido à grande repercussão que causou, lançando os sucessos dos Tropicalistas. Porém, os festivais acabaram se transformando um bom espaço para discutir política e com o Tropicalismo no seu auge com suas canções que criticavam o governo militar de forma irônica e sarcástica, os artistas acabaram sendo censurados e os festivais proibidos a fazerem essas exhibições.

Essa censura aos festivais ocorreu no contexto da dura repreensão na ditadura militar a qualquer posicionamento que fosse contrário ao governo e no final do ano de 1968 foi implantado pelo governo o Ato Institucional 5, sendo este considerado o mais violento e censorador de todos. Foi nesse contexto que os artistas Gilberto Gil e Caetano Veloso foram presos e exilados devido essa censura.

Sendo a Ditadura militar repressiva, com o AI 5 todos os veículos de livre circulação foram censurados, desde o jornalismo até as artes. Naquele momento só seria permitida a divulgação de ideias que fossem a favor do governo militar. Assim, nesse período, foi criada Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP) que seria responsável pela fiscalização das letras de músicas, sendo que a maioria era censurada não somente por suas letras, mas pela dificuldade de entender as composições devido sua complexidade. A música foi uma das áreas da comunicação que mais sofreu com a censura desse período.

Dessa forma, mesmo diante as repressões sofridas durante o governo militar, Rita Lee juntamente aos Mutantes mostrou-se uma mulher forte e com seus comportamentos

enfrentou a censura com críticas à política autoritária, à sociedade conservadora e à cultura obsoleta. Irônica e debochada contestava o papel feminino em sociedade através de suas canções. Nesse contexto, o próximo capítulo dará continuidade a esta pesquisa dando ênfase para a representatividade de Rita Lee nas discussões de gênero através de suas músicas, focando na força feminina e discutindo temas tabus com muito bom humor.

3. PARA ALÉM DO “AMOR E SEXO”: relações de gênero na música de Rita Lee

No final do século XIX, a luta das mulheres pelo seu reconhecimento na história ganhou impulso, atingindo seu ápice na década de 1960 que foi marcada por uma grande revolução dos costumes com o surgimento das lutas das mulheres com os feminismos em alta neste período, conquistando assim, a possibilidade de falar de si mesma e favorecer a produção artística de sua história. Como aponta Rachel Sohiet,

Enquanto campo específico de estudo, há certa unanimidade em considerar a história das mulheres como tendo sido decorrente de um movimento recíproco: de um lado, da atuação das historiadoras preocupadas com esta questão, e de outro, do movimento feminista, ocorrido a partir dos anos 60 (SOHIET, 1997, p. 92).

Dessa forma, é possível perceber a importância do surgimento dos movimentos feministas para o empoderamento feminino que levará adiante as lutas das mulheres em busca do reconhecimento de sua posição social frente a uma perspectiva histórica e também na obtenção da conquista de direitos sociais e políticos que antes lhe foram negados.

A partir disso, com o avanço das ideias feministas, as mulheres irão conquistar seu espaço e ganhar voz dentro de uma sociedade machista. Dessa maneira, essas mulheres irão ocupar também lugares que antes eram considerados amplamente masculinizados, sendo possível, por exemplo, analisar a história das mulheres através de uma perspectiva musical, já que estas irão se destacar com suas músicas que não só vão ser compostas por elas como irão abordar também diversas formas do que é ser mulher. Nesse sentido, é importante destacar que,

as teóricas feministas propõem não apenas que o sujeito deixe de ser tomado como ponto de partida, mas que seja considerado dinamicamente como efeito das determinações culturais, inserido em um campo de complexas relações sociais, sexuais e étnicas. Portanto, em se considerando os “estudos da mulher”, essa não deveria ser pensada como uma essência biológica predeterminada, anterior à história, mas como uma identidade construída social e culturalmente no jogo das relações sociais e sexuais, pelas práticas disciplinadoras e pelos discursos/saberes instituintes (TEXEIRA; PAWLOSKI, 2012, p. 3).

Sendo assim, com os avanços sociais conquistados na década de 1960 as mulheres começaram a exigir além de seus direitos sociais e políticos, adotando também a defesa de sua liberdade e autonomia em sociedade. Dessa forma, as mulheres assumem uma postura rebelde e contestatória da sociedade vigente predominantemente masculinizada, sendo essa atitude reafirmada com o surgimento do movimento do rock na mesma época, que se caracteriza também por ser um movimento social responsável pela crítica dos comportamentos, da moral e da sexualidade considerados padrão.

Nesse contexto, irão surgir diversas vozes femininas no meio musical, entre elas a da cantora e compositora Rita Lee que se destaca representando a força feminina através de seus comportamentos transgressores e de suas letras que exploram conteúdos como a diversidade do ser mulher, à maternidade, a liberdade sexual, entre outros assuntos que estimulam o empoderamento feminino. Como mencionado por Paulo Chacon,

O rock é muito mais do que um tipo de música: ele se tornou uma maneira de ser, uma ótica da realidade, uma forma de comportamento. O rock é e se define pelo seu público. Que, por não ser uniforme, por variar individual e coletivamente, exige do rock a mesma polimorfia, para que se adapte no tempo e no espaço em função do processo de fusão (ou choque) com a cultura local e com as mudanças que os anos provocam de geração a geração (1995, p.8).

Sendo o rock caracterizado desde o princípio como uma categoria contestatória das normas, este irá sofrer alterações de acordo com o tempo e espaço, sendo possível desta maneira analisar a importância do estudo do rock na identificação da sociedade e vice-versa, contribuindo para uma análise histórica e musical ao longo dos anos.

Nesse sentido, a música produzida por Rita Lee, considerada a rainha do rock brasileiro, torna-se relevante no estudo de gênero por apresentar em suas composições a força feminina ao assumir a frente do seu palco e transgredir as regras ditadas por uma sociedade machista. Dessa forma, percebe-se, portanto a influência da participação feminina no meio musical nas conquistas de direitos das mulheres na sociedade. Assim sendo, é possível perceber que,

Um dos temas predominantes na música de autoria feminina é a representação da busca de uma identidade autônoma, ou a representação do conflito de identidade, própria do sujeito pós-moderno. Diante disso, ao analisar as letras de canções compostas por mulheres, busca-se observar como ocorre a representação da identidade da mulher na música de autoria feminina e como as mudanças culturais influenciam nessa representação (TEXEIRA; PAWLOSKI, 2012, p. 3).

Nessa perspectiva, devido a uma concepção criada culturalmente de que as mulheres são seres frágeis, imagina-se que suas composições irão apenas falar de amor, mas ao contrário do que se esperam as letras de músicas compostas por mulheres discutem temas que vão além do clichê amoroso, abordando diversas temáticas, entre elas estão à liberdade sexual feminina, direito sobre o próprio corpo, desconstrução de estereótipos de gênero, entre outros.

Assim, ao longo de sua carreira, através da mistura de ritmos, Rita Lee venceu as barreiras do mundo do rock masculinizado, trazendo à tona a representatividade do universo feminino, caracterizando-se assim como a precursora do rock nacional, servindo de inspiração para muitas mulheres. Nesse sentido, nas letras de suas músicas, Rita Lee valorizou o ser mulher, por vezes abordando suas fragilidades e por outras mostrando sua força, inclusive a sexual.

Dessa forma, Rita Lee caracteriza-se por ser uma mulher rebelde que enfrenta as dificuldades de ser mulher de maneira bem humorada e debochada, sendo por muitas vezes vista como uma ameaça à ordem imposta pela ditadura militar atuante no período em que ela deu início a sua carreira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como abordado por Marcos Napolitano (2005), é necessário atentar-se que tanto a letra como a melodia deve ser interpretada em seus contextos, sendo importante destacar além do conteúdo da canção, suas rimas, seus lugares de fala, a ocorrência de figuras e gêneros literários, visando uma análise musical mais completa sendo fazer juízo de valor.

Dessa forma, as músicas compostas por Rita Lee apresentavam um caráter inovador que através de suas canções discutiu temas considerados tabus como o sexo, a menopausa, a masturbação, além disso, a força feminina, sendo a mulher livre para ser o que quiser. Assim, Rita Lee sempre descreveu a mulher como um ser forte, independente e foi através de seus comportamentos transgressores que enfrentou os tabus sem se importar com as limitações da sociedade machista que limita os espaços femininos. Dessa forma, com suas letras tratando de assuntos polêmicos de uma maneira didática, Rita Lee conquistou muitos fãs e até os dias atuais é considerada um símbolo do empoderamento feminino.

O presente artigo buscou fazer questionamentos a cerca da representatividade da mulher na História da Música através da vida e obra da cantora e compositora Rita Lee, por ser considerada uma mulher forte que enfrentou o mundo machista com bom humor e ironia através de suas composições.

Humana Res, v. 1, n. 1, 2019, p. 120 - 131. ISSN:

Ao longo de sua carreira, Rita Lee ganhou visibilidade por cantar músicas que falavam sobre o sexo, as drogas, o orgasmo feminino, a menstruação e diversos outros temas ainda hoje considerados tabus. Com isso, conquistou um grande público sendo a representação da transgressão de regras ditadas por uma sociedade conservadora.

Nesse contexto, destaca-se que Rita Lee vivenciou juntamente aos Mutantes um período de censuras e de inovações musicais através do Tropicalismo, sendo que o movimento trouxe mudanças não somente no contexto musical como também nas questões relacionadas à política, a moral e ao comportamento.

Assim, sendo a música a tradutora dos dilemas nacionais, ela assume um lugar privilegiado ao abordar as questões sociais atuantes no período. Dessa forma, a música deixa de ser apenas um instrumento para ouvir e passa a ser também um meio de se pensar e refletir as representações sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHACON, Paulo. **O que é rock**. São Paulo: Brasiliense/Nova Cultural, 1982.

GOHL, Jefferson William. **Meu trabalho é o roque enrow: a alteridade de Rita Lee nas**

GONÇALVES, Francielle Sthefane Bruschi Cordeiro. Uma análise das letras do rock nacional e seu potencial educativo. ASSIS, Ana Cláudia; et al. **Música e História: desafios da prática interdisciplinar**. In: BUDASZ, Rogério (Org.). **Pesquisa em música no Brasil: métodos, domínios, perspectivas**. Vol. 1. Goiânia: ANPPOM, 2009, p. 05-39.

LEE, Rita. **Rita Lee: uma Autobiografia**. São Paulo: Globo, 2016.

NAPOLITANO, Marcos. **História e música: história cultural da música popular**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PAWLOSKI, Cristiane. TEIXEIRA, Nírcia Cecília Ribas Borges. **O ser mulher na música de Rita Lee: do rosa ao choque**. Conexão – Comunicação e Cultura. UCS, Caxias do Sul – v. 11, n. 22, jul./dez. 2012.

SOHIET, Rachel. **História, mulheres, gênero: contribuições para um debate**. 1997.

TROPICÁLIA. Disponível em: <http://tropicalia.com.br/v1/site/internas/index.php>. Acesso em 09/05/2018.